

## SEMINÁRIO INTERNACIONAL "EXPERIÊNCIAS DE AGENDAS 21: OS DESAFIOS DO NOSSO TEMPO"

27, 28 e 29 de Novembro de 2009  
Ponta Grossa - PR - Brasil



### ASPECTOS CULTURAIS DA MULHER INDÍGENA GUARANI

ROZIN, Arnei Júnior; LAZZAROTTO, Elizabeth Maria; SOUZA, Alcy Aparecida Leite; MEZA, Sheila Karina Lüders; BARATIERI Tatiane; VIDAL, Kiusa Taina Geteins; CINTRA, Hans Doner Eric & DELL'ARINGA, Fernando Kami

#### RESUMO

Objetivou identificar a cultura vivenciada pela mulher indígena guarani na idade adulta. A metodologia foi a pesquisa bibliográfica nos banco de dados online *scielo* e *lilacs*. Os resultados no que tange às crenças culturais vivenciadas pela mulher na fase adulta e terceira idade aparecem como crença cultural, a sexualidade que inicia-se com a menarca e a mulher é submissa ao homem e às anciãs. O casamento é um meio da mulher conseguir um homem, é determinado pelo pai, no ato conceptivo não há participação direta da mulher, que apenas armazena e alimenta o feto. A gravidez é anunciada por meio de um sonho, e a mulher precisa evitar emoções fortes e ingerir alimentação adequada. O parto é realizado de cócoras, com rituais específicos, sobre a placenta e do cordão umbilical. Os cuidados no puerpério são rigorosos, respeitando regras alimentares e abstinência sexual. A esterilidade é vista como castigo divino, o planejamento familiar é feito por meio de ervas e abstinência sexual. Conclui-se que existem inúmeras crenças culturais relacionadas à mulher indígena guarani e que é importante os profissionais de saúde estarem informados sobre o sistema cultural indígena.

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL "EXPERIÊNCIAS DE AGENDAS 21: OS DESAFIOS DO NOSSO TEMPO"

27, 28 e 29 de Novembro de 2009  
Ponta Grossa - PR - Brasil



## INTRODUÇÃO

Os primeiros povos que os desbravadores encontraram ao chegar em território nacional eram povos indígenas guaranis e tupinambás. Após a conquista, os tupi-guaranis preservaram sua língua uniforme magnífica, assim como a organização social e o modo de vida (*ñande reko*, ou seja, 'nosso modo de vida' dos guaranis) (BRANDÃO, 1990; SCHIAVETTO, 2003).

A organização social dentro do grupo guarani, segundo Meliá, citado por López (2000), está definida por: *mbya*, *ñandéva*, *xetá*, *kayová*, *guarani antigo*, *guarani Paraguai*, *guayaki*, *tapiete*, *chiriguano* e *izoceño*. Tais grupos guaranis habitam territórios da Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Peru e Brasil. No Brasil, são encontrados mais facilmente três desses grupos, os *mbya*, *ñandéva* e *kayová*. Sobre o assunto, Schaden, citado por Peternella (2000), afirma que *ñandéva* quer dizer *o que somos nós; os que são dos nossos*; é também usado para denominar como sendo todos os guaranis. Este grupo costuma utilizar expressões como: *ñandevaekére* (nossa gente), *ñandéva eté* (é mesmo nossa gente), *txeñandeva eté* (eu sou mesmo guarani, um dos nossos) e outras parecidas. O segundo dialeto que se pode destacar é o *mbya*, gente, é a denominação mais utilizada pelos guaranis que se conhece na bibliografia como *kainguá*, *kaiuá*. Também se pode encontrar como denominação para este grupo indígena o termo *apüteré*, ou seja, *apyteré* (corrutelas: *aquiteré*, *apiteré*), que o próprio grupo encara como termo de desvalorização. O terceiro dialeto existente é o *kayová*, que também é conhecido como *teüi* e *tembekuá*. A denominação *teüi* (*teýi*) é usada por todo o grupo guarani, seja qual for a tribo, significando naturais da terra.

Salienta-se também que a organização social guarani, Schaden (1974, p. 95) é simples, sendo que a chefia política coincide com a carismática do Proceedings of the XII SIBGRAPI (October 1999)

## SEMINÁRIO INTERNACIONAL "EXPERIÊNCIAS DE AGENDAS 21: OS DESAFIOS DO NOSSO TEMPO"

27, 28 e 29 de Novembro de 2009  
Ponta Grossa - PR - Brasil



sacerdote ou médico-feiticeiro, sendo ou não o chefe da família-grande. Assim, os chefes da família-grande "reunidos em conselho, formam uma espécie de senado informal, de função consultiva e deliberativa, sem que lhe insira, entre os atuais guaranis do Brasil, grande autoridade com base em alguma instituição". Dessa maneira, os grupos guaranis que mais sofrem influências da civilização têm o poder nas mãos do capitão de aldeia, que é nomeado pelo Serviço de Proteção dos Índios.

Seguindo este pensamento, López (2000) descreve que a mais importante liderança política entre os guaranis é o cacique. Este pode ser escolhido por meio democrático da eleição pela comunidade, considerando o conhecimento sobre a cultura, habilidade para a reza e liderança; ou também o cacique pode se auto-eleger, nos casos de realizar uma migração ou organizar um aldeamento novo. O cacique é considerado vitalício, porém pode deixar seu cargo em virtude de doença ou velhice, assim como ser retirado do cargo, por mau comportamento.

No que tange ao ritmo social da vida dos guaranis, este decorre não apenas em função de seu ciclo ecológico, mas também frente às situações de crises vivenciadas, que algumas vezes abrangem toda sociedade e outras cabem na estrutura social. O autor afirma que o guarani, em sua existência, encontra seus maiores momentos de crise no nascimento de uma criança, maturação biológica, doenças e morte. Na totalidade, o grupo entra em crise a partir de fenômenos especiais, como colher o primeiro milho verde, epidemias, viagens e outras ocorrências que interrompem de alguma maneira o equilíbrio da vida cotidiana, e necessitam de medidas rituais (SCHADEN, 1974).

A sociedade guarani, para se organizar, baseia-se na família-grande. A criança que se desenvolveu nessa estrutura de família é ensinada a não ter fixa e focalizada as emoções e expectativas que possam lhe trazer alguma recompensa ou punição. Em relação ao adulto, este tem o emocional pouco estável, ou seja,

## SEMINÁRIO INTERNACIONAL "EXPERIÊNCIAS DE AGENDAS 21: OS DESAFIOS DO NOSSO TEMPO"

27, 28 e 29 de Novembro de 2009  
Ponta Grossa - PR - Brasil



não vive o romance no amor, é indeciso nas relações e termina com o casamento com facilidade, abandonando filho e mulher, unindo-se a outra pessoa e geralmente não guarda mágoas, rancores e ódio em relação a outras pessoas (LINTON, citado por SCHADEN, 1974).

Para os guaranis inexistem dúvidas de que a família-grande forma a comunidade de produção, de consumo e de vida religiosa. A organização social das famílias guaranis é marcada por linhagens ou parcialidades (*teýi*), cada uma delas habitando uma grande casa comunal (*teýi-óga*) que abrigava até dezenas de famílias nucleares ou centenas de pessoas, não existindo individualizadas. Cada uma das famílias nucleares ocupava um espaço delimitado pelas pilastras centrais que auxiliavam a sustentação do cume, sem a presença de qualquer outra divisória. A família extensa, era a estrutura social e econômica de produção e consumo, composta pelo casal, as filhas casadas, os genros e a geração seguinte. A fragmentação familiar, presenciada em grupos atuais, seria o resultado dos séculos de sucessivos contatos, e talvez ela já tivesse iniciado durante a influência jesuítica (SCHADEN 1974; SOUZA 2002).

A cultura guarani também é identificada pela religião que é “elemento fundamental de toda religião é a atitude valorativa em face da vida terrena com referência ao destino de homem”. As religiões diferem em suas doutrinas com relação ao homem e seu contexto na natureza, atribuindo aos deuses e às diferentes categorias de “seres sobrenaturais, como a maneira de se conceber a origem da vida humana e, em especial, de se encarar as múltiplas relações entre o homem e as divindades nas mais variadas situações da existência do grupo e do indivíduo”. Para o guarani, não é necessário merecer o céu, pois todas as pessoas estão destinadas a ele, não tem o pensamento de remuneração (SCHADEN, 1974, p. 103-4).

Ao falar sobre a visão que os *mbya* e *ñandéva* têm sobre alma, Silva

## SEMINÁRIO INTERNACIONAL "EXPERIÊNCIAS DE AGENDAS 21: OS DESAFIOS DO NOSSO TEMPO"

27, 28 e 29 de Novembro de 2009  
Ponta Grossa - PR - Brasil



(2007, p. 110-111) afirma que eles a consideram pessoa com vida normal, apesar de sua forma de viver no céu ser diferente da forma de vida de seus parentes que permanecem na Terra, não há morte, as almas ficam velhas, mudam de pele e tornam-se jovens novamente, e visitam seus parentes, ao encontrá-los dançam, cantam e fumam com alegria, reunidas na Casa de Rezas. O momento da concepção é quando a alma deixa os seus parentes nos céus e vai até seus parentes na terra, sendo esta prevista em sonho à mãe da criança ou a um parente próximo. Sob este ponto de vista, Schaden (1974) relata que na doutrina guarani a origem da alma do homem é suficiente para transformar e deixar a pessoa apta não apenas para a vivência religiosa, mas inclusive para direcioná-la ao destino mais adequado.

Em relação às Casas de Rezas (*opy*), para os guaranis estas são construções de grande destaque nas aldeias, tendo em vista suas extensas dimensões, variando conforme a quantidade de residentes na aldeia (SILVA, 2007). Vale destacar que os guaranis, no decorrer dos séculos, vêm demonstrando sua vontade de explicitar o que são e realizam isso por meio da religião. Segundo os guaranis, a religião vai além de riscos e derrotas vividos, também o conhecimento de tê-la para refugiar-se e crer no futuro. Em outras palavras, os guaranis optaram que sua religião fosse uma afirmação perante a sociedade ocidental, de maneira a continuarem sem mudanças e impedir sua redução a cidadãos genéricos (PETERNELLA, 2000). Os guaranis, ao longo dos anos, influenciaram para a formação da cultura brasileira, por isso, é fundamental para que o homem ajude a preservar essa etnia, evitando a perda cultural própria desses indígenas. Compreender a evolução histórica, a visão que os guaranis têm de cultura, sociedade, religião, morte, alma e família, é fundamental para o entendimento das crenças culturais a que a mulher indígena guarani está

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL "EXPERIÊNCIAS DE AGENDAS 21: OS DESAFIOS DO NOSSO TEMPO"

27, 28 e 29 de Novembro de 2009  
Ponta Grossa - PR - Brasil



submetida, e a partir disso identificar o trabalho do enfermeiro junto a essa população.

## OBJETIVO

Este estudo objetivou identificar as crenças culturais vivenciadas pela mulher indígena guarani na idade adulta.

## METODOLOGIA

O presente estudo é caracterizado por uma pesquisa bibliográfica. A busca das referências se deu em todo o acervo da Biblioteca Central da Unioeste. Também realizou-se pesquisa de artigos em *sites* de natureza científica, como *scielo* e *lilacs*. Pesquisou-se a palavra indígena cujo resultado foi de 210 artigos no *scielo*, sendo que 07 destes atenderam alguns pontos da pesquisa.

## RESULTADOS

A mulher indígena guarani, na fase adulta e terceira idade, vivenciam inúmeras crenças culturais relacionadas à sexualidade, ao casamento, à gravidez, parto, nascimento de uma criança, puerpério, esterilidade, aborto, intervalo interginésico, planejamento familiar e menopausa, que precisam ser respeitadas e incentivadas pelo homem branco para que haja a sua preservação

## SEMINÁRIO INTERNACIONAL "EXPERIÊNCIAS DE AGENDAS 21: OS DESAFIOS DO NOSSO TEMPO"

27, 28 e 29 de Novembro de 2009  
Ponta Grossa - PR - Brasil



e continuidade.

A sexualidade da mulher indígena guarani tem início a partir da ocorrência da menarca. O assunto sexualidade é algo que provoca muitas discussões, reflexões e divergências de opiniões em todas as etnias, sendo que em cada uma delas há uma maneira diferente de encará-la. Nesse sentido, Chamorro (1996), faz comparação sobre o que é ou não aceitável pela/para a mulher indígena guarani: é aceitável que o homem que não conhece a mulher não pecou com ela; a mulher que é virgem; quem vive castamente, sem desejar a mulher; quem não vive pensando em mulher. Em contrapartida, não é aceitável: a mulher que pratica sexo; a mulher que se exhibe é uma armadilha do demônio; o homem que é muito chegado às mulheres; a mulher mal intencionada. Seguindo esse raciocínio, o autor afirma que a mulher virtuosa é quem não peca, é imaculada, não tem maus desejos e que foge das tentações. Salaria também que a mulher que tem iniciativa sexual é considerada armadilha do demônio; quando a mesma tem relações sexuais, significa que ela está se corrompendo ou sendo usada para pecado. Douglas, citado por Ciccarone (2004, p. 92), declara que as mulheres necessitam de grande controle nas expressões corpóreas, tendo em vista que são em seus "corpos (da *xamã* e da mulher) que se reproduzem e se representam os deuses e a sociedade. Esses corpos, como social, constituem o fundamento necessário da interação social". Para o autor, as mulheres *mbyas* eram submissas, submetidas continuamente ao controle e a cobrança, em geral proveniente das anciãs.

O casamento (*menda*), para as guaranis, um meio de conseguir o macho, podendo resultar de autoridade paterna, como exemplo *che membota havey che ru chemo menda* (caso-me meu pai por força). Assim, se a pessoa que pretende unir-se a outra não se apressar, a demora pode os tornar "irmão" (*pegue*). Para namorar, o homem precisa ir várias vezes na aldeia da jovem por curtos períodos

## SEMINÁRIO INTERNACIONAL "EXPERIÊNCIAS DE AGENDAS 21: OS DESAFIOS DO NOSSO TEMPO"

27, 28 e 29 de Novembro de 2009  
Ponta Grossa - PR - Brasil



de tempo, e mantém uma relação rápida e discreta com a mesma, não alarmando os familiares desta, mantendo distância física e geográfica viáveis para prosseguir o namoro sem ser consanguíneo da futura esposa. O casamento entre o grupo guarani se dá precocemente e não tem muita durabilidade, sendo uma união oficializada pelo pajé ou líder, ou mesmo por uma união simples do casal. Nesse grupo o casamento é monogâmico e é proibido o incesto (LÓPEZ, 2000; CICCARONE, 2004; SILVA, 2007).

Ao tratar sobre ato conceptivo, este tem relação com a questão física, biológica e à generosidade dos deuses guaranis. A teoria da concepção diz que o corpo do feto é constituído pelo sêmen do pai, e o útero materno é o recipiente da criança, assim na gestação, o homem que inseminar a mulher várias vezes será o pai da criança. A participação da mulher na concepção, não é direta, pois ela apenas alimenta o feto por meio do sangue (LÓPEZ, 2000; SILVA, 2007).

Em relação às crenças culturais evidenciadas na gestação, percebe-se que esta é uma maneira do mundo humano e sobrenatural se comunicar e, é o momento que a mulher expressa a todos do grupo a sua função de reprodutora biológica, além disso, é a expressão dos deuses sobre essa mulher, tendo em vista que eles dão a vida através da mulher. A gravidez é anunciada por meio de um sonho, é assim que um parente falecido, um herói do grupo ou mesmo um pássaro divulga a gestação. As mulheres, durante a gestação precisam tomar alguns cuidados, como não sofrerem emoções fortes como o susto, raiva, inveja, tristeza, não manter relações extraconjugais ou não responsabilizar-se pela família. Ou não alimentar-se adequadamente, como ingerir alimentos do homem branco (hipossódicos, açucarados, gordurosos), não ingerir grandes quantidades de alimentos, carne de quati, pois é lombriguento, tatu, por ter casco de proteção, que faria com que o bebê no momento do parto ficasse preso no útero da mãe; não comem banha de coco pelo fato de estar trancado dentro do coco, o que



## SEMINÁRIO INTERNACIONAL "EXPERIÊNCIAS DE AGENDAS 21: OS DESAFIOS DO NOSSO TEMPO"

27, 28 e 29 de Novembro de 2009  
Ponta Grossa - PR - Brasil



9

levaria o bebê a permanecer no útero materno; é incentivado o consumo de carne de caça, como a onça.. Quebrar tais regras pode comprometer a gestação e o parto, sendo que estes riscos atingem a mãe e o feto, ocasionando até o óbito (LÓPEZ, 2000; WAKANÃ; GIL, 2007; GIL, 2007).

Quanto às crenças culturais da mulher indígena sobre parto, descreve-se que este é feito de cócoras no domicílio, que é uma posição lógica, certa e fisiológica. Neste caso, a placenta é enterrada no local, de preferência sob o fogão, por ter sido morada do feto que possuía alma divina, não pode ser desprezada ou ingerida por animais. A parteira corta o cordão umbilical, que é a união com *Nhanderú* (nosso Pai), que se perpetua ao ocorrer o nascimento, com ajuda de uma lasca de bambu (*takuára*); utiliza-se da tesoura (*arruína*). Para que o umbigo seque com mais rapidez, colocam-se cinza como secante; os *mbya* conseguem com a queima de coquinhos de *pindó*; os *kayová* e *ñandéva* queimam o estrume de cavalo ou sabugo de milho. (PACIORNIK, 1981; SCHADEN, 1974; LÓPEZ, 2000). O sucesso do parto, conforme López (2000) e Gil (2007) ocorrem se regras forem cumpridas, como, uso de ervas/chás medicinais no decorrer da gestação para que o parto seja mais ágil; princípios quanto à alimentação, pois os espíritos dos animais deglutidos podem ser ingeridos e causar doenças; uso do café amargo, por ser considerado quente, pois acreditam que durante o parto a mulher está quente, e assim deve continuar a criança após o nascimento, e se seu corpo esfriar, a placenta não sairá e a mulher pode ir a óbito.

Quando a criança nasce, logo é colocada no peito da mãe, e se esta não possuir leite, é oferecido ao bebê mingau de amido de milho. Em geral, não ocorre dificuldade na amamentação, sendo esta permitida a livre demanda, sem referência sobre a melhor posição para que a mãe amamente. Por ser um ato natural, deve ser cercado de um ambiente de sossego e tranquilidade (LÓPEZ,

## SEMINÁRIO INTERNACIONAL "EXPERIÊNCIAS DE AGENDAS 21: OS DESAFIOS DO NOSSO TEMPO"

27, 28 e 29 de Novembro de 2009  
Ponta Grossa - PR - Brasil



2000). Quando uma criança morre ou morre ao nascer ou com alguma deficiência física ou mental, para a cultura guarani *mbya* e *ñhandéva* revelam um problema oriundo do pai ou da mãe. Tais problemas podem ser por o pai não ter inseminado a mãe de forma adequada, a mulher pode ter cometido exageros na ingestão de alimentos inadequados (SILVA, 2007).

Os cuidados no período de puerpério, estes são muito mais rigorosos do que durante a gestação. A mulher deve respeitar o resguardo para manter tanto a sua saúde, e de seu filho. As precauções necessárias são de repouso absoluto de três a cinco dias depois do parto; cuidados com asseio; regras alimentares, com alimentos de consistência mole, sendo permitido ingerir pombo, passarinho, galinha, ingerir arroz, macarrão, peixe com escamas, chás e um pouco de sal, mandioca (15 dias pós-parto), feijão (1 mês pós-parto), animais do mato; são proibidos alimentos como açúcares, peixe sem escamas, camarão, carne bovina, tatu e quati; evitar a exposição ao sol, ao vento e ao sereno; não pegar peso; abstinência sexual de três a doze meses; até que a mulher sangrando não é permitido que saia da residência, pois pode ser atingida por espíritos que rodeiam a vida dos guaranis. Quando o resguardo é quebrado, a mulher fica muito doente, com forte dor de cabeça, febre e delírios, podendo ficar louca se não for tratada com garrafadas, regras, implastos de folhas (WAKANÃ; GIL, 2007; LÓPEZ, 2000).

Outra crença cultural da mulher indígena guarani é com relação à esterilidade. Sobre o assunto, López (2000) constatou que em tal cultura a esterilidade é vista como castigo. Os guaranis *mbya* expressam que a esterilidade é um castigo de *Nhanderú*, ou seja, espécie de vingança do útero por algo errado que a mulher tenha cometido. Segundo Cadogan, citado por López (2000), para os guaranis, a mulher que não tem filhos não é completa, e se compara a uma árvore desprovida de folhas e galhos; não é normal e não cumpre a função para a

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL "EXPERIÊNCIAS DE AGENDAS 21: OS DESAFIOS DO NOSSO TEMPO"

27, 28 e 29 de Novembro de 2009  
Ponta Grossa - PR - Brasil



qual se deu a sua criação. Contudo, a mulher não é repudiada em público, pois a religião guarani *mbya* diz que não se pode fazer crítica. Quanto à esterilidade masculina, descreve o autor que esta não é comentada.

Sobre o aborto, é denominado como, *daitxai*, que significa não vi; *kyringue roai*: *kyringue*, que significa criança; *roai*, que significa caiu; *nokãmbui idjevy*, que significa criança perdeu; *dojai*, que quer dizer que não nasceu. Quando há o nascimento de uma criança a termo e logo em seguida vai a óbito, pode-se dizer: *kiringue i' areko*; *areko vai kue i'*, quando morreu após o nascimento ou horas logo após; e por fim *kiringue oykovey vaikuey*, *oykoveivaikuy* e *kiringuei oikovey`omainoy* são termos que significam que nasceu vivo e ao outro dia a criança morreu. O aborto, para os guaranis, é visto como um castigo divino, por conduta inadequada do pai ou da mãe, ou seja, em certo sentido implica desprestígio, porque faz público o mau comportamento. Também é quando os desejos do feto não são satisfeitos, ou seja, os desejos que a mãe tem por determinados alimentos e outras coisas (LÓPEZ, 2000).

O intervalo interginésico da mulher indígena guarani *mbya* foi pesquisado por López (2000), que constatou ser em média de 19,7 meses para as mulheres que estão no período de vida fértil. Segundo a OMS e Omran, citados por López (2000), o intervalo entre as gestações deveria ser de 24 meses para a recuperação do organismo da mulher em relação ao desgaste fisiológico causado pela gestação e também pelo aleitamento materno. Porém, as mulheres do estudo que se encontram em idade reprodutiva não têm o tempo necessário para que o organismo tenha recuperação do desgaste fisiológico.

Ao tratar sobre o planejamento familiar, as mulheres guaranis possuem altos índices de fecundidade, os quais são determinados pela valorização sócio-cultural de famílias constituídas por elevado número de pessoas, por haver alto

## SEMINÁRIO INTERNACIONAL "EXPERIÊNCIAS DE AGENDAS 21: OS DESAFIOS DO NOSSO TEMPO"

27, 28 e 29 de Novembro de 2009  
Ponta Grossa - PR - Brasil



índice de mulheres indígenas unidas conjugalmente pelo início precoce da vida reprodutiva e, pelos intervalos curtos entre os partos, salientam Coimbra Jr e Garnelo (2003). Sobre o tema Cadogan, citado por López (2000), salienta que os guaranis entendem que um número grande de filhos causa prejuízos à mulher, por isso deveriam ser adotados meios para controlar o nascimento, como abstinência sexual, fricções com gordura de certo animal do mato e ingestão de chás de ervas. Para a autora, as crenças culturais dos guaranis permitem a produção de remédio tradicional para o controle da natalidade, podendo ser com ervas do mato, com o tratamento do pajé ou por meio da abstinência sexual, e este tratamento é de conhecimento de homens e mulheres, podendo ser usado por ambos e mantendo a abstinência sexual. As mulheres guaranis entendem que a abstinência sexual é a maneira mais eficaz do controle de natalidade.

A menopausa é traduzida na língua guarani, conforme estudo de López (2000, p. 108), como: *Daetxavei* - *dae* quer dizer não; *txa* significa veio; *vei* significa mais, sendo assim traduz-se, não veio mais. *Daekoguêdjyvei*: *dae* quer dizer não; *ko* significa estou; *guê* expressa sim; *djy* significa *txereko*; *vei* indica mais. Traduzindo-se não estou vendo mais, *Nhanderú* já fechou ela. *Txe dajaryi* significa mulher velha. Quando a mulher chega à menopausa, pode, se assim desejar, conseguir o papel de parteira: “só quando já não tem mais *txerekó*’, que já parou, que *Nhanderú* já encerrou dela, já pode fazer parto”. Com a menopausa, declinam as tensões de ganhar outra gravidez por causa das relações sexuais. As crenças culturais relacionadas à menopausa são de que toda mulher que passou pela menopausa pode dar assistência ao parto, entretanto há mulheres que são especializadas e são denominadas parteiras. As guaranis entendem que ao cessar a menstruação, a mulher chega ao final de sua idade fértil e assim ocorre uma alteração de seu papel social (LÓPEZ, 2000).

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL "EXPERIÊNCIAS DE AGENDAS 21: OS DESAFIOS DO NOSSO TEMPO"

27, 28 e 29 de Novembro de 2009  
Ponta Grossa - PR - Brasil



## CONCLUSÃO

A mulher indígena guarani vivencia inúmeras crenças culturais em sua vida. A sexualidade em início a partir da ocorrência da menarca, sendo essas mulheres submissas, submetidas continuamente ao controle e a cobrança das anciãs. O casamento é um meio de conseguir o macho, podendo resultar de autoridade paterna, se dá precocemente e tem pouca durabilidade. Sobre o ato contraceptivo, a mulher não participa diretamente, compete-lhe apenas "armazenar" e alimentar o feto. A gestação é uma maneira do mundo humano e sobrenatural se comunicarem, e é anunciada por meio de um sonho. Nesse período as mulheres, precisam tomar alguns cuidados, como não ter emoções fortes, manter alimentação adequada, não ter relações extraconjugais ou não responsabilizar-se pela família. Quanto ao parto, este é feito de cócoras na residência, e a placenta é enterrada no local. O cordão umbilical é costado pela parteira, e como secante é utilizada a cinza. Ao nascer uma criança morta ou com deficiência, é decorrente de problemas relativos aos pais que não seguiram as regras na gestação e parto. Os cuidados no puerpério são rigorosos, a mãe necessita de repouso absoluto, cuidados com asseio; regras alimentares, abstinência sexual. A esterilidade e o aborto são vistos como castigo. O intervalo interginésico da mulher indígena guarani é curto, o que dificulta a recuperação fisiológica da mulher. No planejamento familiar, há altos índices de fecundidade, e os métodos contraceptivos são por meios culturais próprios, como ervas e abstinência sexual. Quanto à menopausa, os guaranis entendem que é o fim da vida reprodutiva, e assim a mulher consegue o papel social de parteira.

Entende-se que é importante os profissionais de saúde estarem informados sobre o sistema cultural indígena, que é diferenciado do homem branco, assim como as

# SEMINÁRIO INTERNACIONAL "EXPERIÊNCIAS DE AGENDAS 21: OS DESAFIOS DO NOSSO TEMPO"

27, 28 e 29 de Novembro de 2009  
Ponta Grossa - PR - Brasil



crenças que esta população está habituada. Para trabalhar com a sociedade indígena é necessário um conhecimento prévio a respeito de sua cultura, evitando assim conclusões precipitadas e desenvolvimento de ações equivocadas e incompatíveis com a realidade da cultura em questão.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. Os Guarani: índios do Sul - religião, resistência e adaptação. **Estudos avançados**. São Paulo, v. 4, n. 10, 1990.

COIMBRA Jr, C. E. A.; GARNELO, L. **Questões de saúde reprodutiva da mulher indígena no Brasil**. Universidade Federal de Rondônia. Escola Nacional de Saúde Pública. Centro de Estudos em Saúde do Índio de Rondônia Departamento de Endemias S. Pessoa. Porto Velho, fev. 2003.

CICCARONE, C. **Drama e sensibilidade: migração, xamanismo e mulheres mbya**. Revista de Índias, v. LXIV, n. 230, Madrid, enero-abr. 2004.

CHAMORRO, G. **Expresiones del erotismo y de la sexualidad guaraní**. Suplemento antropológico, v. XXXI, n. 1-2. Asunción: diciembre, 1996.

GIL, L. P. **Possibilidades de articulação entre os sistemas de parto tradicionais indígenas e o sistema oficial de saúde no Alto Juruá**. In: FERREIRA, L. O.; OSORIO, P. S. (Orgs.). Medicina tradicional indígena em contextos. **Anais da I Reunião de Monitoramento**. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de saúde. Projeto Vigisus II. Coordenação Técnica. Área de Medicina Tradicional Indígena. Brasília: Projeto Vigisus II/Funasa, 2007. Cap 1, p. 37-47.

LÓPEZ, G. M. A. **A fecundidade entre os Guarani: um legado kunhankarai**. (Tese). Fundação Oswaldo Cruz. ENP: Rio de Janeiro, dez 2000.

Proceedings of the XII SIBGRAPI (October 1999)

**SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
"EXPERIÊNCIAS DE AGENDAS 21:  
OS DESAFIOS DO NOSSO TEMPO"**

**27, 28 e 29 de Novembro de 2009  
Ponta Grossa - PR - Brasil**



PACIORNIK, M. **O parto de cócoras: aprenda a nascer com os índios.** 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PETERNELLA, A. **Repensando a educação indígena: o caso Avá-Guarani de São Miguel do Iguaçú.** Cadernos de apoio ao ensino. n. 8. Maringá: UEM, 2000.

SCHADEN, E. **Aspectos fundamentais da cultura guarani.** 3 ed. São Paulo: EPU, Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

SCHIAVETTO, S. N. O. **A arqueologia guarani: construção e desconstrução de identidade** indígena. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2003.

SILVA, E. M. **Folhas ao evento:** a micromobilidade de grupos *Mbya* e *Nhandéva* (Guarani) na Tríplice Fronteira. (Tese). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ: Rio de Janeiro, 2007.

SOUZA, J. O. C. **O sistema econômico nas sociedades indígenas guaranis no período pré-coloniais.** Revista Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 211-253, dez. 2002.

WAKANÃ, G. S.; Gil, L. P. **Caracterização dos sistemas de parto tradicionais entre os povos indígenas de Alagoas e Pernambuco: resultados da primeira etapa.** In: FERREIRA, L. O.; OSORIO, P. S. (Orgs.). Medicina tradicional indígena em contextos. Anais da I Reunião de Monitoramento. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de saúde. Projeto Vigisus II. Coordenação técnica. Área de Medicina Tradicional Indígena. Brasília: Projeto Vigisus II/Funasa, 2007. Cap 1, p. 37-47